

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-Terapia e Análise Existencial

Valdicéia Miranda Machado Bouzada

**CONTRIBUIÇÕES DE EDITH STEIN PARA A COMPREENSÃO DOS
FENÔMENOS QUE SURTEM DA NÃO CONEXÃO COM O NÚCLEO-
PESSOAL E AS APROXIMAÇÕES COM A GESTALT-TERAPIA**

BELO HORIZONTE
2020

Valdicéia Miranda Machado Bouzada

CONTRIBUIÇÕES DE EDITH STEIN PARA UMA COMPREENSÃO SOBRE OS
FENÔMENOS QUE SURGEM DA NÃO CONEXÃO COM O EU PESSOAL E AS
APROXIMAÇÕES COM A GESTALT-TERAPIA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientadora: Profa. Dra. Maria
Madalena Magnabosco

Belo Horizonte
2020

150 B782c 2020	<p>Bouzada, Valdicéia Miranda Machado.</p> <p>Contribuições de Edith Stein para a compreensão dos fenômenos que surgem da não conexão com o núcleo-pessoal e as aproximações com a gestalt-terapia [manuscrito] / Valdicéia Miranda Machado Bouzada. - 2020.</p> <p>34 f.</p> <p>Orientadora: Maria Madalena Magnabosco.</p> <p>Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia Clínica Gestalt-terapia e Análise Existencial - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1.Gestal-terapia. 2.Suicídio. I. Magnabosco, Maria Madalena . II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
----------------------	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Folha de Aprovação

CONTRIBUIÇÕES DE EDITH STEIN PARA A COMPREENSÃO DOS FENÔMENOS QUE SURGEM DA NÃO CONEXÃO
COM O NÚCLEO PESSOAL

VALDICEIA MIRANDA MACHADO BOUZADA

monografia defendida e aprovada, no dia **vinte e oito de outubro de 2020**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Maria Madalena Magnabosco - Orientador
FAFICH/UFMG

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista
FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 04 de janeiro de 2022.

Prof^ª. Dr^ª. Claudia Lins Cardoso

Coordenadora do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Gonçalves Ribeiro, Chefe de seção**, em 04/01/2022, às 15:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Lins Cardoso, Professora do Magistério Superior**, em 04/01/2022, às 16:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1177704** e o código CRC **0F5626BE**.

Referência: Processo nº 23072.240739/2021-47

SEI nº 1177704

Dedico este trabalho àqueles que um dia fizeram as perguntas certas, convocando-me a “Ser” presença e eu mesma, mesmo em meio à angústia, da qual fiz terreno fértil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas (familiares, amigos, pacientes, professores) e, de modo especial, a Saleth, que soube fazer a pergunta que fomentou internamente o desejo de escrever este artigo.

Igualmente a Madalena Magnabosco, que contribuiu com seu olhar atento e dócil na elaboração destas páginas.

Por fim, a Claudia Lins, a José Paulo Giovanetti, a Paulo Evangelista, a Telma e a todos os mestres que estiveram presentes em mais esta jornada.

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de compreender os fenômenos de adoecimentos presentes na atualidade, em especial o suicídio e a sua relação com a percepção de si mesmo, tendo em vista um cenário marcado por um estilo de vida que fomenta a conexão com o mundo para além das fronteiras estruturais. Buscou-se, a partir da estrutura de pessoa proposta por estudiosos de Edith Stein e com alguns conceitos da Gestalt-terapia, compreender o que ela chama de núcleo-pessoal e como ele se apresenta na pessoa humana e em sua relação com os fenômenos presentes. Trata-se de uma pesquisa teórica que, após uma revisão de livros e artigos científicos, possibilitou uma construção para uma compreensão psicológica das vivências na contemporaneidade. Dessa forma, evidencia-se que o contato com esse núcleo, com o outro e com o mundo é constitutivo para o processo do torna-se pessoa. Todavia, quando essa relação não é recíproca, não contribui para esse processo de integração e, sim, para um de alienação, no qual os indivíduos se comportam todos do mesmo modo, sem uma unidade interna. Isto constrói uma maneira de viver marcada por uma existência inautêntica que implica um projeto de morte, ou seja, viver é não ser. Diante do exposto, conclui-se que o suicídio se apresenta como uma saída do desamparo e do desejo próprio do mal-estar contemporâneo. E a partir do que foi exposto buscou-se a partir das aproximações de Stein à Gestalt-Terapia propor um olhar para os fenômenos presentes na sociedade, destacando entre eles o suicídio.

Palavras-chave: Núcleo-Pessoal. Conexão. Contato. Suicídio. Gestalt-terapia.

ABSTRACT

This monograph aims to understand the phenomena of illnesses in our present time, especially suicide and its relationship with the perception of oneself, in view of a scenario marked by a lifestyle that allows the connection with the beyond structural boundaries world. Based on the personal structure, proposed by scholars of Edith Stein and with some concepts of Gestalt-therapy, we sought to understand what she calls the personal core and how it presents itself in the human person and in the relationship with the present phenomena . This is a theoretical research that, after a review of some books and scientific articles, enabled a construction for a psychological understanding of contemporary experiences. Thus, it is evident that contact with that core, with the other and with the world is constitutive for the process of becoming a person. However, when this relationship is not reciprocal, it does not contribute to that process of integration, but, instead, to one of alienation, in which individuals all behave in the same way, without an internal unity. It is a way of living marked by an inauthentic existence that implies a project of death, that is, living means not to be. This way, it is concluded that suicide presents itself as a way out of helplessness and the desire of contemporary malaise. And based what was exposed, it was sought from Stein's approaches to Gestalt-Therapy to propose a look at the phenomena present in society, highlighting among them the suicidium.

Keywords: Personal Core. Connection. Contact. Suicide. Gestalt-therapy

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. NÚCLEO-PESSOAL.....	11
3. A CONEXÃO	15
4. QUAL FENÔMENO SURGE DA NÃO CONEXÃO COM O NÚCLEO-PESSOAL?.....	18
5. O SUICÍDIO.....	22
6. A PRÁTICA CLÍNICA DA GESTALT-TERAPIA A PARTIR DA CONCEPÇÃO FILOSÓFIA DE PESSOA DE EDITH STEIN	26
7. CONCLUSÕES.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

1. INTRODUÇÃO

Na dinâmica da contemporaneidade, as tecnologias abriram um campo surreal ao viver humano. Tomando o significado da palavra *surreal* literalmente, implica dizer um viver sustentado por um “contexto de sonhos, da imaginação; incompatível com as leis da razão, de teor absurdo, ilógico, que pode provocar estranheza, relativo a algo contraditório, divergente, incoerente, e que transcende a realidade, ultrapassa o real” (SURREAL, 2008). É proposto um novo estilo de vida, no qual as redes sociais, as *fake news*, os *likes* e as *selfies* proporcionam uma conexão com o mundo para além das fronteiras estruturais. No entanto, esse novo estilo também tem colocado a vida em um cenário que fomenta um existir sustentado por imagens abstratas, que se tornam mais reais do que a própria realidade. Busca-se um modo de viver orientado pela imagem do outro, assistir a vida por meio das telas parece ser mais atraente que o contato em si. A necessidade de serem vistos, da exposição da própria imagem, do interesse pela vida do outro, do controle das informações passa a fazer parte do “viver” humano como meio para constituir-se como pessoa. De acordo com as palavras de São João da Cruz, são “almas que caminham no princípio de perfeição, têm muita vontade de serem notados pelos outros, para isto dão mostras exteriores de movimentos, suspiros e outras cerimônias, e até alguns arroubamentos em públicos mais do que em segredos” (CRUZ, 2002, p. 444).

Há uma aparente sensação de pertencer sem haver pertencimento algum, pois, no cenário da comunicação das redes sociais, tece-se um jeito de ser virtual que nada é na verdade. Elas fomentam um ideal de conectividade que, por uma lado, colecionam-se amigos virtuais, curtidas, tecem-se perfis e, por o outro, o que se experimenta é exclusão “entre os recifes da solidão e do compromisso, do flagelo da exclusão e dos férreos dos grilhões dos vínculos demasiadamente estreitos, de desprendimento irreparável de uma irrevogável vinculação” (BAUMAN, 2004, p. 52).

As imagens fomentam um estilo de vida ilusório e inalcançável, um jeito de ser perfeito e imediato, propõem um saber absoluto, e a vida oferece respostas rápidas que, ao mesmo tempo, tornam-se obsoletas ou descartáveis. Na mesma velocidade com que chegam, estão prestes a partir. Instantânea torna-se a vida e, entre o passado e o futuro, abre-se um vácuo, que parece não haver tempo hábil para preenchê-lo. Ele emerge como incerteza, a experiência do vazio é sentida como impossibilidade. Esse vácuo se chama *presente*, que se esvai, escorrega-se ao viver real diante do princípio da instantaneidade, pois o olhar no futuro se abre como uma ameaça à impossibilidade de existir no “aqui agora”. Entretanto, é no *presente* que a vida acontece. Acontecer é viver, o que envolve riscos e possibilidades, erros e acertos, perdas e

ganhos, e não há qualquer certeza. Portanto viver é correr o risco de se angustiar, é responder à questão shakespeariana do ser ou não ser. Fugir dessa resposta é colocar-se num caminho de ilusão, no qual se tende a ver a vida dos outros como verdadeiras obras de artes e, tendo as visto assim, luta-se por fazer o mesmo com as próprias vidas. “É o desejo de reprodução e de dar luz ao belo. Porque a reprodução é uma forma de perpetuação e imortalidade ao menos para o mortal” (PLATÃO, 2006, p. 74).

Projetam um jeito de “SER” virtual que nada é concretamente. Assim, o que está em jogo nesse cenário é não “SER”. Escrevemos a palavra em letras maiúsculas para se referir ao SER não apenas como sobrevivência, mas aquele que passa pela vida sem registro de sentido, sem *awareness*, sem contato com que lhe é singular, sem apossar-se do sentido do seu viver. Observa-se um retorno à caverna, fazendo alegoria ao mito da caverna de Platão, já que “os homens que estão nessas condições não poderiam considerar nada como verdadeiro, a não ser as sombras dos objetos fabricados” (PLATÃO, 2006, p. 268). Nesse contexto, essas pessoas assumem o que veem como algo que lhe é próprio ao viver, colocando-se na tentativa de narrar as suas próprias histórias orientadas por imagens vazias desprovidas de significados. Sem o contato com o que é real a pessoa não encontra em si o suporte para discriminar o que é saudável daquilo não o é, do que colabora para o seu crescimento ou não, do que é tóxico ou que é nutritivo, e, como consequência, perguntas como “quem sou eu?” remetem a um processo de angústia ou incômodo. Ao não enfrentarem isso, procuram suprir tal espaço vazio com soluções imediatas, reforçando assim um modo de viver estático, uma cultura de realização que busca por preencher as necessidades por “estímulos artificiais e de curta duração” (POWEL, 2012, p. 51).

Conduzem a vida de maneira estática, sem *awareness*, termo usado na Gestalt-terapia que remete à palavra “consciência”. Deve-se notar, entretanto, que *awareness* distingue-se da aceção de consciência como representação, reflexão, conhecimento ou juízo e assume um sentido próprio na Gestalt-terapia. Em síntese, é um saber da experiência (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2014). Essa própria experiência é como suporte para direcionar cada pessoa a fazer suas escolhas, a perceber suas demandas em relação ao mundo-organismo-meio, assim como se perceber existente no contato com esse meio.

Observa-se, assim, que o que predomina atualmente é um cenário de hiper-conectados tecnologicamente e des-conectados de si mesmos. Uma vez que a vida parece ser conduzida por espetáculos, a existência se dá por desempenhar papéis. No teatro do mundo, só a imagem permanece atual. Mas o que ela significa? Um dualismo que cada homem experimenta entre o que “eu” represento (papel ou imagem) e o que “eu sou”. Nisso se configura a problemática

contemporânea do ser humano: apropriar-se de si mesmo, ou seja, entrar em contato, conectar-se com a própria experiência e sentidos como mediadores de sua narrativa do viver.

Diante dos impactos oriundos desse modo de ser proposto pela hiper-conexão, pelo existir baseado na imagem que leva a um distanciamento de si mesmo, faz-se necessário discutir esse assunto. Isto deve ser feito não apenas como um olhar sobre as possibilidades de resgate da capacidade inerente ao ser humano de responder sobre si mesmo, mas também sobre a ótica dos fenômenos de adoecimentos presentes no contexto atual, em especial o suicídio, e de sua relação com o universo da percepção de si mesmo. A motivação principal por escolher Stein partiu principalmente em compreender o que ela chama de núcleo-pessoal, como isso se apresenta na pessoa humana e sua relação com os aspectos da realidade apresentados. Para tanto, será apresentado no primeiro capítulo uma visão de homem proposta por Edith Stein e como se dá o processo de tornar-se pessoa. No capítulo seguinte, com base no que foi proposto sobre a noção de pessoa apresentada por ela, é feita uma relação sobre a importância das formas de conexão pessoa e mundo. Assim, chegaremos ao ponto no qual se justifica esta pesquisa, compreender os fenômenos que surgem diante dessa não conexão. E em seguida tentaremos ampliar a consciência em torno de tal fenômeno, para então a partir das contribuições que consideramos serem relevantes, promover um diálogo entre a noção de pessoa de Edith Stein e a Gestalt-terapia.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica baseada nas orientações de Gil (2008) e desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e de artigos científicos. Escolhemos como metodologia a análise fenomenológica, uma vez que visa à descrição do fenômeno em sua essencialidade, disponibilizando seus achados para os estudos empíricos posteriores da psicologia (PERES, 2014).

2. NÚCLEO-PESSOAL

É necessário pontuar que não objetivamos nos aprofundar em dados existenciais de Stein, muito menos focar em suas motivações. Mostraremos contribuições que ofereçam uma compreensão de estrutura da pessoa humana, enquanto núcleo, e, conforme for oportuno, buscaremos relacioná-los com alguns estudiosos e conceitos da Gestalt-terapia. A partir disso, busca-se relacionar as contribuições observadas sobre o que postulam os estudiosos de Edith Stein a importantes conceitos que compõem a teoria da Gestalt-terapia.

Segundo Sberga (2014), Stein inicia suas investigações a partir da fenomenologia de Husserl, em diálogo com Tomas de Aquino, buscando na aproximação dessas duas correntes uma concepção filosófica do ser e a estrutura da pessoa humana, relacionada com as coisas, com outros seres humanos e com Deus. A autora propõe análises fenomenológicas sobre o eu, a pessoa, a alma e o sujeito, acrescentando o conceito de substância espiritual de origem tomista. Ela acentua as vinculações entre essas dimensões, pois quer esclarecer que o espírito está presente em toda realidade e em toda matéria com um sentido. O mesmo acontece com a alma humana, que tem um aspecto espiritual. Ela acrescenta uma reflexão sobre a vida animal, orgânica e espiritual do ser humano. Segundo a qual, o animal já nasce com um fim em si. Entretanto, para Stein, a pessoa almeja uma constante atualização de suas potencialidades. Neste sentido a pessoa humana “é” um constante vir a ser, que, à medida que corresponde ao viver, que se questiona e se denomina “eu sou”, atualiza-se a despeito de si mesmo enquanto caminha para um fim em si, ou missão. Realizar-se, no contexto proposto por Stein, significa tornar-se aquilo que já é. De acordo com Ponciano, na perspectiva da Gestalt-terapia:

As pessoas existem em si e independem na nossa vontade criadora. Elas tem um fluxo de energia que lhes é próprio e tendem a se autorrealizar da maneira mais perfeita, integrando elementos após elementos. As coisas as pessoas tendem a se integralizar, se globalizar, se totalizar com um impulso que lhe é próprio” (PONCIANO, 2014 pg. 35).

A pessoa que vive segundo um núcleo, denominado por Stein como núcleo-pessoal, é uma pessoa espiritual, movida, constantemente, por um agir livre e consciente, que tende a buscar o melhor para si e para os outros (SBERGA, 2014). O núcleo-pessoal é, dessa maneira, aquilo que centraliza a estrutura e articula todas as dimensões – corpo, psiquê e espírito – em torno de si. A alma (psiquê e espírito) é o que possibilita ao homem conhecer o mundo e conhecer-se segundo o dinamismo dela (MAHFOUD; MASSIMI, 2013). Ele é o centro da vida interior e possibilita a unidade entre a alma e o corpo, pois o que é expresso pelo corpo é vida interior. E como elemento central, o núcleo é tido como potencial em relação à vida, ou seja,

em relação à vida espiritual consciente e em relação ao curso de desenvolvimento (SBERGA, 2014).

O ser humano é um ser atual, mas é um ser em constituição: por isso tem a potencialidade para vir a ser outra coisa, no sentido de algo melhor. A potência é toda a possibilidade presente numa matéria ou num ser, que o direciona a um tipo de fazer ou a determinado conhecimento. (SBERGA, 2014 p. 33)

Stein toma como ponto de partida para compreensão da estrutura humana os conceitos “ato” e “potência” e, a partir destes, traz uma questão tomasiana para compreender melhor quem é o ser humano, e faz isso comparando-o a Deus:

Deus tem potência, mas em Deus não há contradição entre potência e ato. Deus é potência ativa, ato puro, e Nele não há nada que não seja ato, enquanto as criaturas têm potência passiva e seu ato é atividade, com começo e fim. O agir de Deus é eterno, o agir das criaturas é temporal. Em Deus nada vem do Eterno. A potência de Deus é só uma e o ato é só essa potência é completamente exercitada no ato. (STEIN *apud* SBERGA, 2014, p. 34)

A criatura é a semelhança de Deus e, nesse trecho, tomamos a liberdade de complementar com as contribuições de Santo Agostinho. Ao se referir às criaturas e ao criador, ele relata que “todas as naturezas, todas as substâncias que não são o que és, mas que existem, Tu a criastes; que só o nada não provem de Ti”. (AGOSTINHO, 2008, p. 291). No entanto, entre Deus e a criatura só há uma aproximação, pois Deus é ato puro, enquanto a criatura é potência em ato, sendo que “a ação parece ser função mediadora pela qual o ser individual e o universal entram em relação” (MAHFOUD, 2017, p. 16). “A alma se encontra lá onde está a ação, e é lá que está a alma: onde está a ação” (PEIXOTO, 2018, P.323). Assim, a ação aparece em sua compreensão como um pré-requisito para a constituição de uma estrutura da pessoa singular que se faz concreta na vivência do agora. A respeito disso Sberga escreve:

Potência e ato têm um duplo significado, usado para o ser potencial e ser atual ou ser possível e ser real; como o ser que está aberto no tempo ou como modos de ser que precedem ou procedem para esta dimensão do “agora”. A potência é o princípio do ato, capacidade para se tornar algo ou para realizar uma determinada atividade. O ato também é utilizado para aquilo que dá o ser um ser que está constituindo, a fim de que tenha consistência atual, que nunca será plenamente atualizada. (SBERGA, 2014, p. 33)

A ênfase de Stein no ato para a constituição da singularidade da pessoa humana converge com o pensamento da Gestalt-terapia, que postula que é o contato a grande força de transformação e mudança. O conceito de contato ocupa posição de destaque na teoria da Gestalt, no que se refere ao contato da pessoa com ela mesma, com o outro e com o mundo. O

contato segundo Perls (*apud* CARDOSO, 1999) possui uma definição distinta do senso comum. Em síntese ele é entendido como resultante da interação do organismo com o ambiente, necessariamente nos atos de troca da pessoa com o meio. Por meio do contato, a pessoa está face a face com o outro do qual emana energia em forma de presença. (RIBEIRO, 2007). Não haver presença de contato impossibilita um ser autêntico, o qual se dá a capacidade de transcender do suporte ambiental, fazer escolhas e responsabilizar-se por elas, ser capaz de se auto-ajustar criativamente mediante a realidade. O ato é pressuposto para a potência e ambos são modos de ser, são preenchimentos da forma de ser, é a própria vivência, é agir sobre uma condição própria diante do ambiente. A vivência se refere a um eu que a vive, precisa de um sujeito que a apreenda. Ela é “apreendida” por este “eu”, não apenas factualmente, mas, enquanto portadora de significado, apresenta-se sempre no presente, inserindo-se em um fluxo de vivências anteriores e as mantendo ao mesmo tempo conectadas, em um caráter de novidade no aqui-agora. “O aqui agora inclui experiências passadas e projetos futuros vivenciados no presente. Figura e fundo trazem as polaridades, tais como os aspectos reconhecidos da personalidade e os que estão dissociados dela” (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2019, p. 67).

Ela sempre se inscreve na pessoa que a vive, dentro de um fluxo próprio e particular de tomá-la para si. Assim, torna-se única, algo universal tomado por um sujeito particular. Esse particular é o que caracteriza um determinado ato como próprio de uma pessoa (MAHFOUD; MASSIMI, 2013). O ato de tomar a vivência para si é um fluxo interno e fluido que emerge, dando sentido ao vivido. Portanto, a vivência apreendida é uma potência que se atualiza no ato de “SER” atual. A potência que não atualiza, que não se torna real, permanece num grau inferior no modo de ser (SBERGA, 2014). Dessa forma, crescimento e desenvolvimento são processos de fronteira, há uma pessoalidade na estrutura geral da pessoa humana, formada pelo corpo, psique e espírito, que se conectam em uma unidade definida por Stein como “Alma”:

A alma é um EU. O EU é aquilo que permite à alma abranger a si mesma e a tudo quanto nela se move, como que encerrando-se em si mesma e a tudo o mais dentro de um âmbito espacial. Lá dentro, o ponto mais profundo é, ao mesmo tempo, a morada de sua liberdade: o lugar onde a alma pode enfeixar a sua existência e decidir sobre si própria (STEIN, 2014, p. 134).

Diante disso, observa-se que cada pessoa é um modo singular e universal, é também um modo específico, originário e pessoal, no qual é convidada a assumir diante da vida a sua plena liberdade, isto é, tornar a si mesma segundo a própria forma substancial (SBERGA, 2014). Nas palavras de Santo Agostinho a forma substancial é:

tudo que é mutável sugere de algo informe, susceptível de tomar forma, de mudar e de se transformar. [...] Deus criou a matéria informe, onde estavam contidas em potência [...] que depois receberam forma própria, e que agora nos aparecem com tudo o que nele existe. (AGOSTINHO, 2008, p. 301)

Esse trecho das *Confissões* ilumina o que Stein chama de uma forma substancial ao se referir ao núcleo e como chegou a esse conceito a partir das análises de ato e de potência. Conforme Coelho Júnior e Barreira (2018), o *ser* em primeiro momento é algo informe que contém uma substância que lhe é própria. Em princípio, não há uma natureza espiritual e corporal formada e perfeita, mas há algo esboçado. É informe, é vazio porque traz a necessidade de ser preenchida na existência concreta individual, por meio dos atos do indivíduo que vai ganhando forma na conexão com o meio. Sem esse preenchimento não existe um ser autêntico.

Portanto, o modo de ser é formado por diferentes misturas de grau de atualidade e de potencialidade que se dão na temporalidade, ou seja, a criatura é uma mistura de ser e do não ser (SBERGA, 2014). O ser da pessoa é momentâneo e completo só num dado momento: “agora”. Mesmo assim, não é um ser pleno e acabado. No entanto, só porque o ser era e não é mais e não é ainda, não significa que ele é um não ser. Na verdade, é algo entre o ser e o não ser ao mesmo tempo, sem ruptura nem divisão (SBERGA, 2014). O que Sberga quer dizer é que, nesse contexto, *ser* é um processo ativo e fluido que se processa numa relação entre aquilo que a pessoa é num dado momento e aquilo para o qual ela realiza um dever-ser, diante das provocações que a vida lhe apresenta. Realiza, assim, o seu modo de ser em conexão com seu núcleo e com o mundo. Destarte, percebe-se que *ser* é estar em relação, o que faz necessária uma compreensão sobre essa dinâmica, chamada neste artigo *conexão*.

3. A CONEXÃO

O objetivo deste capítulo é apresentar a dinâmica da experiência que leva à formação da pessoa, apontando como caminho a relação. A formação é um processo que conforme Sberga (2014), acontece num grau de atualidade e de potencialidade que se dão num tempo e espaço. De acordo com Mahfoud e Savian Filho (2017), a pessoa assimila elementos do meio como composição de si própria, com notável autonomia que lhe permite utilizar da própria corporeidade para a relação com o mundo, afastando-se e aproximando-se de algo ou mesmo intervindo no ambiente. Entretanto, a pessoa é particularmente formada pelo que ela mesma coloca no mundo e pelo direcionamento de suas próprias vivências, não apenas reagindo com o mundo, mas colocando algo de si própria no seu processo em relação com o outro, compondo, assim, a sua formação.

A pessoa na perspectiva da Gestalt é um “eu” relacional, processual e consciente, que se forma e se transforma por meio de ajustamentos criativos. Ajustamentos estes que tem como objetivo promover a auto-regulação. E para tal, ela busca suprir a satisfação de suas necessidades e atualização de suas potencialidades no campo organismo-meio (TENÓRIO, 2012). E complementando com as elaborações de Perls (*apud* TENÓRIO, 2012) o desenvolvimento e funcionamento saudável dependem da qualidade da relação, do contato que se estabelece com o outro, uma vez que *Self* e personalidade se constituem na fronteira entre organismo meio. A saúde consiste no fluxo livre de cada situação experimentada pela pessoa (CARDOSO, 1999). O *Self* é o sistema de contatos e de respostas. Sua função é formar figuras e fundos e fazer ajustamentos criativos. Ele não tem consciência de si próprio abstratamente, mas quando esta em contato, uma vez que o mesmo é a fronteira de contato organismo-meio em funcionamento. (PERLS, HEFFERLINE e GOODMAN *apud* TENÓRIO, 2012)

Segundo Stein (*apud* MAHFOUD; SAVIAN FILHO, 2017), o corpo é o espaço onde é colocado em cena o que a pessoa é, o “teatro da vida que se manifesta”, é o acontecer psicofísico. Não se pode conceber a formação do corpo e só posteriormente agregar os elementos psíquicos e espirituais. É no “teatro das sensações” que a pessoa acolhe o convite a lançar-se ao exterior, assim como às próprias capacidades e à originalidade. Identifica, assim, a possibilidade de unidade entre o mundo externo e o seu próprio ser, além da unidade entre corporeidade e sujeito da experiência. Portanto, “no contato com o mundo, em sua imensa diversidade, dá-se no sujeito uma abertura fundamental, à qual o processo de formação se refere a proporcionar preenchimentos vários” (MAHFOUD; SAVIAN FILHO, 2017, p. 290).

Complementando com a fala de Ribeiro (2007), tudo no universo está em contato. Este é a chama da vida que se chama energia, e é na relação que a pessoa é capaz de abstrair, perceber-se singular e individualmente, tomando consciência da realidade e se perceber existente. Tenório (2012), ressalta que cada pessoa corresponde a um modo particular de ser no mundo, influenciando-o ou sendo influenciada por ele pela percepção que faz de *si mesmo*. Uma construção que se dá pela via da seleção e integração de experiências que se harmonizam com auto-conceitos assumidos por ela. Mahfoud e Savian Filho o chamam de *si-mesmo*, e “esse ser-si-mesmo é, por assim dizer, o elemento ôntico funcional por meio do qual o ser abstrato da pura presença é afundado na realidade concreta. Sem ser-si-mesmo no próprio ser não é possível a constituição do ser real” (2017, p. 64).

Para Sberga (2014), o ser humano é um ser social, pois ele vive no mundo. Sua estrutura individual é determinada por seu ser social em uma multiplicidade de aspectos, que se dão por meio de um fluxo de vivências. Para Gracioso e Parise (2017), em seu estudo sobre a compreensão empática em Stein, cada vivência desse fluxo é percebida pelo olhar reflexivo da consciência. Ao ser apreendida intuitivamente, tem um conteúdo que pode ser considerado como algo próprio.

Conforme Coelho Júnior e Barreira (2018), essa relação reflexiva com a realidade proporciona o processo de atualização, no sentido de poder se advertir uma maneira atual, mas também uma possibilidade de ser diferente. É possível pensar no futuro e na possibilidade de ser diferente, e isto é assim devido ao reconhecimento das maneiras diferentes que já foi no passado. O ser presente é a atualização de uma potência que está disponível e que existe antes. O Ser da pessoa é uma alternância entre potencialidade e atualidade, pois jamais o ser conclui tudo aquilo que pode se tornar (SBERGA, 2014).

A vivência do “eu sou” como plenitude do “ser” formada na pessoa é uma experiência de unidade entre o próprio ser e o do mundo. É possibilitada pela instância do núcleo-pessoal, que define o raio da mutável atualidade. A unidade entre todas as instâncias (corpo-mente-psíquê) não é algo conquistado ao final do processo de formação, mas é presente em todas as etapas da vida (MAFHOULD; SAVIAN FILHO, 2017). De acordo Stein:

A pessoa vive em um mundo que pode ser favorável ou desfavorável ao sua formação, contudo, não está diante dele passivamente, sofre suas influências e deixa-se ser moldado por condições externas. [...] No seu processo vital, age a partir de sua liberdade dando uma direção às suas ações, seja abrindo-se ou fechando-se para receber as contribuições de sua realidade cultural, seja ativamente criando mudanças em sua realidade cultural que irá influenciar sua própria formação (STEIN *apud* COELHO JÚNIOR; BARREIRA, 2006, p. 57).

A liberdade e a responsabilidade são condições primordiais para um autêntico tornar-se. Conforme Bello, “o ser humano é livre; está em busca da perfeição; cada indivíduo é membro do gênero humano em seu caminho de aproximação da perfeição, sendo que cada um, em força da natureza recebera uma missão no percurso histórico da humanidade” (2014, p. 107).

Ainda de acordo com essa autora (BELLO, 2014), existe na pessoa humana uma abertura para compreensão do outro que lhe permiti dar-se conta da experiência vivida pelo outro, servindo-se dela como exemplo acolhido na vida cotidiana. Entretanto, a compreensão e reconhecimento não têm uma dimensão unívoca, isto é, de um eu para um outro, mas é recíproca. Assim, enquanto a pessoa reconhece o outro como semelhante, capta também a si mesmo como semelhante a ele. Este é o ponto de partida que possibilita o conhecimento entre duas alteridades, traduzido por Stein como empatia.

A empatia é aquele ato que consente de olhar o outro com calor, com raiva, com afeto, com simpatia, em outras palavras, de compreendê-lo com um olhar humano, de acolhê-lo com uma palavra humana. No mais, se dá a relação [...] só existem dois seres espirituais abertos, que não consideram o outro como objeto, mas como sujeito (PEZZELLA *apud* SBERGA, 2014, p. 221).

A empatia tem o papel importante na compreensão das pessoas no nível espiritual, ato que se manifesta em toda a sua amplitude da vontade. Pela empatia é possível entrar em contato com o outro, colocando-se numa relação de compreensão da vivência numa mesma estrutura humana, ainda que conteúdos de vivências distintos. É somente no nível espiritual que se configura a pessoa, como indivíduo ou como comunidade e, por analogia, como possuidora de uma personalidade individual. (BELLO, 2014).

Ainda de acordo Bello (2014), a relação homem e comunidade consiste em delinear uma associação humana e não uma mera agregação. Trata-se de uma relação de intercâmbio mútuo que possibilita a formação do si-mesmo e que proporciona, por meio dos atos sociais, a constituição de valores. É por eles que se pode compreender a tomada de posição de cada pessoa. Destarte, o homem é um ser social e com condição para tornar-se-si-mesmo na experiência da vida compartilhada.

Sendo essa forma de viver condição para ele tornar-se, que fenômenos poderiam surgir de uma existência na qual a vida compartilhada privilegia a competitividade, o desenvolvimento, prevalecendo as finalidades egoísticas? É na tentativa de lançar luz sobre tal questionamento que se propõe o capítulo seguinte.

4. QUAL FENÔMENO SURGE DA NÃO CONEXÃO COM O NÚCLEO-PESSOAL?

Segundo Bello (2014), o intercâmbio entre sujeitos se realiza por meio dos atos sociais, pois é também por meio destes, realizados por uma pessoa, que se pode dizer sobre a tomada de posição, sendo ela positiva ou negativa. O que é positivo torna-se um valor não em sentido abstrato, mas enquanto ligado ao ser da pessoa. Portanto, no momento em que a pessoa toma uma posição positiva ou negativa em relação a outra, coloca-se aos seus olhos com um valor ou não. Dessa forma, observa-se que os atos sociais são expressão de atitudes de disponibilidade na relação, na qual se funda a solidariedade assumida pelo ser humano. Nas palavras de Bello:

a simples agregação não pode justificar a existência de grupos que só se configuram como unitários exatamente em razão de uma vida coletivamente intensa. Mas é a conexão profunda que nasce da força psíquica ou espiritual individual a interagir com as forças psíquicas ou individuais dos outros. Da qualidade da interação nasce a possibilidade ou não da existência da comunidade, que obviamente sempre pode ser ameaçada pela desagregação (2014, p. 58).

A relação recíproca gera um laço no qual a comunidade pode ser considerada como uma unidade pessoal. Porém, a comunidade se desagrega quando os membros se alheiam dela ou quando uns se servem dos outros como objetos. As condições externas é um outro aspecto que influem sobre o pensar e sentir, bem como o mundo dos valores. São fatores que direcionam o comportamento do humano (BELLO, 2014). Por outro lado, no contexto atual as imagens ditam um jeito de ser, que não se dá pela experiência própria, e sim por padrões rígidos e por conceitos distorcidos do que é ser. Ocorre que um destes conceitos refere-se a um eu vivenciado como real e o outro vinculado a um eu ideal. Nestas circunstâncias de acordo com Tenório (2012) a pessoa assume uma característica frágil, busca-se um agir racional e irresponsável, incapaz de fazer ajustamentos criativos saudáveis, dada pela impossibilidade de perceber com clareza a realidade, bem como de integrar a realidade como parte si mesmo e não como oposição. Vai se introduzindo a ideia de partes desintegradas e opostas, no entanto não existe eu ideal, sem o eu real. Não existe parte sem todo ou todo sem partes. De acordo com Ponciano (2016), o conceito de todo é parte fundamental para a compreensão da psicologia da Gestalt. É através dele que os fenômenos podem ser compreendidos e que a experiência chega nos modos completos. Para Yontef (1998), uma pessoa existe pela diferenciação e contato entre ela e o outro. Diferenciação e contato são funções de fronteira. Para fazer um bom contato com o mundo, a pessoa precisa arriscar a se expandir e descobrir as próprias fronteiras. Faz parte da

auto-regulação o contato em que a pessoa assimila do ambiente o que contribui para o seu crescimento..

Segundo Bello (2014), a massa não tem caráter próprio. Trata-se de um conjunto de indivíduos que se comportam todos do mesmo modo, sem uma unidade interna e uma vida comum. Stein faz uso do termo *massa* para se referir a uma linguagem política, imprópria para se falar do coletivo no contexto em que se referencia este estudo. Todavia, segundo Bello (2014), a massa se caracteriza por um agir coletivo fundado na excitação psíquica individual. Ela não tem vida espiritual, mas uma puramente psíquica. Entre os indivíduos que compõem a massa, desenvolve-se uma espécie de contágio que pode prevalecer sobre a dimensão espiritual de forma a submetê-la a uma realidade. A pessoa, quando se coloca nesse lugar de aceitar a realidade como algo que lhe é próprio de forma irrefletida, não vive a liberdade, mas a alienação.

“No sentido contrário à massa, delineia-se uma possibilidade de união pessoal e espiritual específica, que constitui a sociedade, os indivíduos que a compõem acham-se ligados por uma finalidade” (BELLO, 2014, p. 59). Nas palavras de Bauman, fazendo referência ao cenário atual, pode-se dizer que a finalidade é:

“tecer redes” e “surfear nelas”, [...] onde o propósito de produzir sons e digitar mensagens não é mais submeter aos recônditos da alma à inspeção e aprovação do outro. [...] onde as palavras digitadas não mais se esforçam por relatar descobertas espirituais. [...] a introspecção é substituída por uma interação frenética que revela os segredos mais profundos juntamente com listas de compras. [...] onde o silêncio equivale a exclusão. (2004, p. 52)

Fica evidente que o cenário atual apresenta um ideal de conectividade que mais contribui para a desagregação, que não oferece suporte para uma tomada de posição consciente. Os indivíduos são mantidos sob o aspecto da alienação, pois não vivem como pessoas reconhecidas em sua singularidade.

De acordo com Sberga (2014), o núcleo é indivisível, no sentido que o que se torna atual não se separa daquilo que permanece como potencial. O inteiro está sempre por trás daquilo que se torna atual. Contudo, pode ser que algo na vida atual não se atualize pelo núcleo, que é vida considerada impessoal e exige um mínimo de atividade intelectual. Por exemplo, um situação em que a pessoa se coloca a vagar pelo mundo virtual, olhando as redes sociais de maneira automática e compulsiva, sem que tenha um mínimo de reflexão sobre o que se apresenta aos olhos. Outro cenário é quando busca uma identificação sem estar de acordo com as verdades que lhe são próprias, tomando a realidade “universal” como algo individual, numa

tentativa de parecer ser aquilo que lhe é impessoal. Ao comentar sobre esse contexto, Magnabosco (2019) argumenta que a pressa e a urgência têm comandado a vida, usurpando o tempo para refletir e questionar, pois não sobra momentos para construir conhecimento prévio individualizado. A respeito disso, descreve:

Vivemos em tempos tecnológicos acelerados e globalizados. A informação à velocidade da luz chega a todos os lugares, emite diversos estímulos e pauta o modo de existir do homem. Influencia sua forma de pensar, comportar, perceber, sentir e como ele significa sua existência na busca de sentido próprio. (MAGNABOSCO, 2019, p. 69)

As palavras da autora convergem para o que tem sido abordado na influência da imersão no mundo tecnológico em detrimento da conexão pessoal e de um viver autêntico. Sendo assim, pelo que foi exposto até aqui, observa-se que o processo de atualização é condição para a formação do ser. Todavia, apesar de Sberga (2014), referenciando o pensamento de Stein, pontuar sobre a indivisibilidade do núcleo, constata-se que os tempos atuais têm contribuído para essa divisibilidade. Em outras palavras, em tempos tecnológicos como pré-condição para conexão, o que se tem na verdade é um processo de des-conexão de si mesmo. Ainda assim, como já explicitado, a força interior do núcleo-pessoal é ativa, é potência que se manifesta por meio do que chamamos de fenômenos de expressão e se apresenta pela via da corporeidade.

Destarte, podemos compreender as formas de adoecimento como um ato disfuncional de expressão dessa não atualização, percebendo a contemporaneidade como a própria personificação do sofrimento. Ocorre que o mesmo cenário que contribui para a presentificação do sofrimento é o mesmo que fomenta um ideal de felicidade, de mensagens antagônicas que podem ser vistas como formas “adoecedoras” de se viver. Sobre as formas de adoecimento, Magnabosco nos pontua nas seguintes palavras:

Percebe-se que vivemos apressadamente, os anseios internos e externos nos consomem e cada vez fica mais difícil discernir o que realmente importa e o que é possível. Temos medos de interiorizar, preferimos a superficialidade em que tudo escorrega e o contato é mínimo. [...] estanca-se todo o movimento de transformação e evita, a qualquer custo, a angústia. (2019, p. 120)

Nessa experiência do sofrimento, apresenta-se a de um temor falso, toma-se a angústia como uma prova de não ser, pois, diante do não preenchimento das expectativas do mundo exterior, há essa sensação insuportável. Entretanto, ao esquivar-se de tal angústia, impossibilita a descoberta de si mesmo, pois o ser autêntico se efetiva numa narrativa de fatos vividos pela experiência de valores no entrelaçamento com o outro e com o mundo. Logo, ao negar essa

possibilidade, nega-se o que é propriamente humano, uma vez que, segundo Sberga (2014), quando se objetiva a própria vivência, tem-se a oportunidade de um conhecimento mais profundo de si-mesmo. O outro se torna base de confronto com as próprias verdades, e é isso que alimenta o desejo de atualizar as qualidades adormecidas. Ocorre que se deparar com isso implica mudanças, o que muitas vezes soam como sofrimento. No entanto, colocar-se numa atitude de evitar a angústia é sempre evitar a verdade que preside a sua exigência, verdade esta que vincula o ser autêntico de cada pessoa. Assim, a sede da verdade está tão radicada no coração da pessoa que, se optasse por prescindir dela, sua existência estaria ameaçada pelo medo e pela angústia (BELLO, 2014).

Desse modo, observa-se que a dinâmica de evitação e de fuga, que se constituem como formas de impossibilitar o confronto, oferece abertura para as diversas formas de adoecimento presentes na realidade, tais como ansiedade, depressão, adicção, as doenças autoimunes, suicídio, entre outras. No que se refere a essa forma de atuação no corpo, Perls diz:

Os comportamentos disfuncionais revelam desarmonia e geram intensa ansiedade, que repercute na corporeidade. Se, ao lidar com problemas intempéries, a pessoa apresenta má qualidade de contato e cristalização da disfuncionalidade, os comportamentos autodestrutivos emergirão. (PERLS *apud* FUKUMITSU, 2017, p. 76)

Na perspectiva da Gestalt-terapia, a psicopatologia acontece quando a pessoa não vivenciou na relação com outro de modo suficiente a experiência de ser confirmado em sua alteridade (TENÓRIO, 2012). Dentre as manifestações de adoecimentos apresentadas, ampliamos a compreensão àquelas que se referem aos comportamentos de autodestruição. De modo específico, abordamos o suicídio, por se tratar de um “ato” livre e responsável da pessoa e escancarado no contexto atual. Nessa perspectiva, no capítulo seguinte apresentamos alguns aspectos sobre isso.

5. O SUICÍDIO

Neste capítulo, sem qualquer tentativa de hierarquizar o sofrimento humano ou de oferecer algum juízo de valor, refletiremos sobre o suicídio. Será lançado sobre o “ato” um olhar, não como mero condicionamento, mas considerando a concepção tridimensional do ser pessoa (corpo, mente e espírito). Sendo o suicídio um ato da pessoa lançado sobre ela mesma na sua relação com o corpo, apoiaremos nos em compreender esta relação. Magnabosco (2017) contribui para compreensão do corpo como esse espaço de expressão:

como habitação humana por excelência, sendo ele o agente de comunicação do sofrimento. Como um corpo não apenas biológico, mas histórico, social, cultural, político-econômico, existente no mundo, é por ele que nos comunicamos nos modos de expressão de nossos sofrimentos. (2017, p. 18)

Segundo Stein (*apud* SBERGA, 2014), o corpo é modelado como teatro dos acontecimentos psíquicos e como órgão para recepção do mundo externo. Ele é usado como instrumento para a realização das atividades psíquicas, que se exteriorizam e que acabam se manifestando para além de si mesmo. A forma da interioridade humana é diferente dos animais, em que a alma está imersa e distribuída por todo o corpo. Na pessoa humana, a alma é pessoalmente formada, ela anima e comanda o corpo a partir do centro e daí conduz vida própria. Entretanto, esse formar a si mesmo é um processo que ultrapassa os aspectos corpóreos; apesar de ser mediada pelo corpo animado, pois é uma atividade espiritual, livremente consciente. Ela forma o corpo e imprime nele a vida psíquica interior. Ao focalizar nas ideias de corporeidade apresentadas por Sberga, assinala-se uma reflexão do suicídio como uma fronteira entre o interdito, que representa o pessoal e o íntimo, escancarado publicamente, tendo o corpo como instrumento. No entanto, se nos posicionarmos apenas sobre o gesto, fechamos a pessoa por trás do ato, com toda a sua história e as motivações que a conduziram a isso.

Magnabosco (2017) também pontua que, para a compreensão de um fenômeno, é fundamental a adoção de uma hermenêutica. Tal postura também deve se aplicar ao suicídio, para que na sua compreensão seja adotada uma consciência histórica, bem como a consciência e suspensão dos preconceitos imbuídos a respeito desse fenômeno. Ela se faz necessária, uma vez que por trás do ato tem uma história e um contexto. Logo, posicionar-se apenas sobre o gesto é reduzir a pessoa apenas ao ato.

Conforme Farberow (*apud* ANGERAMI, 2017), o suicídio foi conceituado, a partir da Segunda Guerra Mundial e nos anos imediatamente posteriores, dentro de programas específicos de prevenção, partindo da conceituação, reabilitação e intervenção. No entanto, segundo ele, após tanto tempo de estudos, a saúde mental não se encontra bem desenvolvida nessa área. Assim, vê-se o suicídio como um importante problema de saúde pública a ser desvelado, o que hipoteticamente pode ser a causa ou a consequência de ele se apresentar como um tabu. Todavia, que ele não é visto como novidade em nosso contexto já se apresenta em Shakespeare na peça *Hamlet*, com a pergunta “Ser ou não ser?”.

Angerami (2017) destaca o suicídio como a trágica denúncia individual de uma crise coletiva, pois em cada ato singular suicida a existência humana sofre perda de continuidade, pois ele não deixou de ser entendido como ato pessoal. Contudo, sua significação ultrapassa, na atualidade, aqueles que protagonizam para envolver a comunidade. Em cada sujeito que se mata, fracassa uma proposta comunitária. Obviamente essa proposta é antes de tudo grupal e atinge especificamente a família. Cabe, assim, dizer que se está ante uma sociedade com alto potencial autodestrutivo.

De acordo com Angerami (2017), os estudos do sociólogo Durkheim apontam um caminho que sistematizaram uma compreensão atual do suicídio, inserindo-o aos aspectos das sociedades modernas, sem, contudo, negar a ação individual da pessoa. Segundo o qual, a psiquiatria até então encarou o suicídio como um fenômeno individual, entretanto, as intensas pressões que a sociedade moderna exerce sobre a vida privada permitem demonstrar, sem esforço, a insuficiência teórica e terapêutica desse enfoque. Para Fukumitsu (2017), toda autodestruição representa um grito do sofrimento que clama por acolhimento, escuta e respeito.

É possível dizer, a partir dessa constatação, que se torna cada vez mais visível a presença de uma existência tóxica, de uma maneira de viver que implica um projeto de morte, ou seja, viver suicidando. Nada ameaça, tão gravemente, a vida do homem como o próprio homem (ANGERAMI, 2017). A pessoa não termina por matar, mas termina por morrer. Esta não é senão a expressão de um processo de devastação. Fala-se de aglomeração urbana, da toxicomania, dos vícios socializados, da poluição, e não podemos deixar de citar a corrida pela imagem ideal segundo os critérios das redes sociais. Esses fatores propiciam um repertório de condutas autodestrutivas, que são consideradas legitimamente normais (ANGERAMI, 2017). No que se refere às redes sociais, identifica-se que têm contribuído para a configuração de diferentes facetas do suicídio que, por sua vez, tem caminhado para uma generalização iminente. Isto porque, frente a uma cultura marcada por uma concepção alienada do uso da

tecnologia e que traz em si uma concepção determinista de “ser”, retira-se de cada pessoa a convicção de ser livre e com indeterminadas possibilidades de existir (MAGNABOSCO, 2017).

O contexto social no qual estamos inseridos não contribui como pressuposto a uma existência autêntica, mas configura características limitadoras, que ofuscam e desviam o caminho pessoal, sobrepondo interesses de várias ordens, entre eles a tentativa de evitar o sofrimento ou angústia. Segundo Magnabosco (2017), dependendo do modo como vivenciamos a realidade que se apresenta, iremos desenvolver um humor temeroso, esperançoso, angustioso etc. O que define as zonas de sombreamento é o terreno comum das situações limites e o modo como aprendemos a lidar com elas, dada uma concepção de homem. Magnabosco define situações limites nas seguintes palavras:

são aquelas em que temos a consciência de nossa finitude, onde saímos do Éden para o terreno do inacabado, [do imperfeito], do incerto e da contingência humana. são estas situações que nos trazem a experiência do sofrimento, no qual somos checados em nossa ilusória infalibilidade e somos convidados a repensar nossos modos de ser no mundo. (2017, p. 31)

Na prática clínica, percebe-se que a pessoa que recorre ao suicídio tem uma impotência para enfrentar uma situação limite; escolhe a maneira mais primitiva: explosão em violência direcionada a si mesma. Segundo Fukumitsu (2017), tal violência se dá por uma rigidez de pensamento evidenciada por uma introjeção disfuncional baseada numa crença de culpabilidade por algo de que era errado. No contexto atual, essa culpabilidade pode ser atribuída aos aspectos de aceitação, nos quais a pessoa se vê impossibilitada de atender as expectativas e formas abstratas e fantasiosas de modos de ser no mundo.

Outro aspecto precisa ser considerado a respeito desse fenômeno. Na maioria das vezes, ele não tem conceito de morte que implica desaparecimento real e fatídico, mas mais uma tentativa de resolver determinados conflitos, bem como o emaranhado de sofrimentos em que a existência muitas vezes se encontra. A morte surge como consequência e não busca (ANGERAMI, 2017). O que a pessoa menos deseja é morrer, mas a morte aparece como única solução viável, apesar de ter outras inúmeras soluções diante das situações de sofrimento. Ela não deseja morrer, pois já está em estado de morte, des-conectada do sentido da vida. Assim sendo, suicidar é uma denotação da morte cotidianamente vivida.

Ocorre que chegar a esse estado indica que o sofrimento já vem ocupando espaço e tempo na vida da pessoa e que o seu campo de visão está reduzido a qualquer outra possibilidade. Impede-lhe a busca por alternativas ao sofrimento, que não seja o próprio fim. Destarte, a morte é como a possibilidade de se reconhecer enquanto “SER”.

A destrutividade determinada pela estruturação das sociedades contemporâneas, marcada pela instantaneidade, pela tentativa de controle da vida que escapa pelas mãos, pelo interesse de viver a vida do outro, associa a vida à perda, o que lega ao homem uma condição de desespero ímpar. Tal fato associado à angústia, ao tédio existencial e a outros dão à vida a condição de absurdidade (ANGERAMI, 2017). Questões como se a vida merece ou não ser vivida fazem parte da existência. No entanto, emergem diante de situações de sofrimento ou de perda, e o homem contemporâneo não está preparado para a perda ou o sofrimento, pois isto demanda aprendizagem. Nas palavras de Guimarães Rosa: “Viver é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender a viver é que é o viver, mesmo” (2006, p. 550).

Toda vivência humana tem uma conexão com o tempo (presente, passado e futuro). Portanto, quando bloqueamos sua continuidade, vivenciamos os limites como rupturas, e entramos no medo, no imediatismo. Dada a ruptura com o tempo, adoecemos por tentar abolir a inquietude e a luta pela ressignificação do modo de ser no mundo. Nessa tentativa, a verdadeira ruptura acontece. Em outras palavras, cada vez que nos dissociamos do que podemos ser e fazer e do que gostaríamos de ser e fazer, entramos em um problema com a loucura, a morte e o nada, colocando-nos, assim, no caminho de fuga e astúcia como forma de nos defendermos do sofrimento (MAGNABOSCO, 2017).

A sociedade propõe ao indivíduo uma ordem alienada: a dimensão do “ter” vai assumindo um lugar de prioridade em relação ao “ser”. Encontram-se paliativos artificiais de viver, no quais as imagens são mais reais do que a própria vida. Aderir a esses paliativos já é uma renúncia à própria vida, um suicídio coletivo socialmente legitimado. Segundo Durkheim (*Apud* ANGERAMI, 2017), se nos matamos mais que ontem, não é porque temos de fazer, para nos manter, nem porque nossas necessidades legítimas estão menos satisfeitas: mas é porque já não sabemos o sentido do nosso esforço. “O homem que se mata, se liberta de uma ausência intolerável” (ANGERAMI, 2017, p. 38).

Para ilustrar essa ausência intolerável cabe trazer aqui um pequeno fragmento de Hamlet, uma famosa peça escrita nos anos 1599-1601, por Shakespeare. Em uma conversa com Horácio, o protagonista Hamlet assim se dirige a ele: “Meu caro amigo, estou morto, mas você vive... Conte ao mundo quem fui eu e qual foi a minha causa.” Diante de Horácio que almeja por beber do mesmo veneno da morte, Hamlet o suplica: “se um dia me teve em seu coração, por favor, renuncie por mais algum tempo à felicidade de morrer neste mundo cruel e cheio de dor. Faça isso ao menos para contar a minha história!” (SHAKESPEARE, 2001, p. 108). Hamlet, ao se referir à morte, coloca-a diante de um tempo de felicidade ante a dor do existir. Nessas palavras, fica explícito que, se de um lado o suicídio é um quadro de horror e

infelicidade, por outro lado é também uma tentativa de fazer cessar a busca agonizante de responder ao “eu sou” e de suportar a dor de não ser.

Por fim, ainda sobre a consideração de que o suicídio é também um ato social, destacamos o que Stein descreve sobre a unidade entre o individual e o universal. Em sua obra *Ser finito e Ser eterno*, na qual tece uma investigação sobre os fundamentos últimos do ser e de sua essência, faz uma abordagem em duas partes: uma definição fenomenológica da essência e seu status no ser e uma consideração sobre o ser real no mundo sustentada na doutrina de São Tomás. Por meio de seus estudos sobre a estrutura do ser humano, Stein identificou que cada objeto possui uma essência individual e ao mesmo tempo universal. Por exemplo, existe alegria em espécie e existe a minha alegria, e toda vez que o ser se alegra a alegria em espécie se realiza enquanto tal. Porém, não são duas essências separadas, mas uma unidade, um todo constituído pela junção dos atributos essenciais em uma determinada estrutura (KUSANO, 2014).

Diante do exposto, elucida-se que o suicídio é um fenômeno que atinge a todos indistintamente. E, se a configuração da sociedade na qual estamos inseridos favorece sua ocorrência, eliminar as determinantes citadas neste texto não significa que esse fenômeno deixará de ser uma ocorrência social. O suicídio é uma temática que não pode ter confirmadas as suas causas, visto que quem poderia contá-las já não está entre nós. Qualquer tentativa de explicá-lo incorre no risco de erro. A ideia de contágio é simples, tranquilizante, permite visualizar o fenômeno que seria inexplicável de outra maneira. Para Angerami (2017), na realidade, ela vem primeiramente preencher o vazio de um raciocínio incapaz de descrever e muito mais, ainda, de explicar o fenômeno. Diante disso, tendo como base a concepção filosófica de homem de Edith Stein, como estruturar uma prática da Gestalt-terapia que contribua para tal cenário?

6. A PRÁTICA CLÍNICA DA GESTALT-TERAPIA A PARTIR DA CONCEPÇÃO FILOSÓFICA DE PESSOA DE EDITH STEIN

A partir dos pressupostos fenomenológicos do pensamento de Edith Stein sobre a formação de pessoa apresentados em diálogo com os conceitos da Gestalt-terapia no decorrer deste trabalho, propõe-se agora um olhar da psicologia da Gestalt-terapia como possibilidade de caminho diante do “o suicídio”. Pois, uma das marcas fundamentais da Gestalt-terapia é de ter prudência no olhar. Em primeiro momento para a compreensão de uma psicopatologia, no contexto da Gestalt-terapia apoiarem-nos na perspectiva no que diz respeito às relações. E enquanto gestalterapeutas não termos a necessidade de lançarmos um olhar sobre as formas diagnósticas apoiando-nos num ponto de vista reduzido. Uma vez que reduzir o olhar apenas para o fenômeno do ser, implica em fixar nas imagens cristalizadas que se condensam como sintomas, sendo estes tomados como essências particulares que só se explicam pela experiência individual da pessoa (PEIXOTO, 2018).

Tendo em vista este aspecto o gestalt-terapeuta buscará lançar um olhar sobre o todo da pessoa em relação. Uma vez que a visão pessoa-homem é de um ser de infinitas potencialidades e em constante relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo (CARDOSO, 2002). O homem é um todo integrado e não se pode concebê-lo em partes. Seu todo chega à nós precedido de suas partes. O homem é um processo, tudo nele tem sentido a partir de seu todo (PONCIANO, 2016). Agindo assim, de acordo Peixoto (2018), o gestalt-terapeuta no sentido contrário de um viés psicopatologizante, irá conceber uma perspectiva psicopatológica a partir de noções caras à abordagem da Gestalt: a experiência, o contato, a awareness, a temporalidade, o espaço, ao que se refere a formas em movimento. Sendo os processos de cristalização, os processos de composição das superfícies contatuais que expressam os fenômenos situacionais de campo. “Pois todo sintoma ou manifestação dita psicopatológica poderá ser considerado como movimento de ir em direção, como uma linguagem a ser decodificada e como acontecimento de fronteira-de-contato” (PEIXOTO, 2018, p. 202).

A partir desta percepção, “o suicídio” não pode ser considerado como um ato isolado e individualizado. E sim como um movimento de ir em direção, como um acontecimento de fronteira-contato, de autoregulação do organismo em relação ao ambiente. Trata-se de uma tentativa final de ajustar-se às demandas do ambiente. Sendo assim qualquer investigação fenomenológica apoiada sobre tal fenômeno deve-se considerar o campo de relação. A Gestalt-terapia considera todo o campo, nenhuma dimensão é excluída (YONTEF, 1998).

De acordo com Ponciano (2016) a fenomenologia é uma disciplina que ajuda a situar entre as coisas em si e sua representação, ela busca a transcendentalidade que a percepção das

essências confere à consciência. A simples percepção do fenômeno não coloca a pessoa em contato com a realidade. É necessário que o fenômeno se desvele e que se note o como seu desvelar. Tal concepção clareia a proposta da Gestalt-terapia, como prática psicoterápica. Enquanto *o que* me revela o fenômeno, *o como* o descreve, colocando a proposta da psicoterapia como condição de lidar com o fenômeno real. Sendo o terapeuta o facilitador deste desvelar.

Delacroix (*apud* PEIXOTO, 2018), nos diz sobre a importância de propor uma psicologia que busque conhecer a psicopatologia de base, de não se fixar o olhar sobre as experiências fenomênicas, nem enquadrar o indivíduo numa categoria ou envolvê-lo numa etiqueta. A função da psicopatologia de base é de oferecer referenciais para uma compreensão da sintomatologia e das manifestações expressas pelo organismo num momento crítico. Não a negando, entretanto fazendo contraponto com elas e com outras formas de compreensão, a fim de contribuir com uma forma de produzir sentidos sobre as expressões sensíveis humana.

Para Yontef, (1998) a relação é o aspecto mais importante na psicoterapia, é a parte essencial da metodologia da Gestalt-terapia. O relacionamento origina-se do contato. Complementando com as palavras de Ponciano:

O contato é uma palavra mágica, demarca minha relação com o diferente é um apelo no sentido de existir como provocação do ajustamento criativo, é sinônimo de encontro pleno, de mudança, de vida. É convite ao encontro, ao entregar-se. É um processo cujo sinônimo é cuidado, a alma do contato. Sem ele, o contato, simplesmente não existe. (PONCIANO, 2007 pg. 27)

Por meio do contato é que se promove o crescimento e a formação de identidade. O contato é a experiência entre o “eu” e o “não eu”. É a experiência de interagir com o não-eu enquanto mantém uma auto-identidade distinta do não-eu. O Gestalt-terapeuta trabalha no sentido de propiciar um contato marcado pela aceitação, experientiação do outro como verdadeiro. Um diálogo autêntico que incorpora autenticidade. (YONTEF, 1998). Nas palavras de Peixoto:

Pensar psicopatologia como lógica que compreende como os contatos se fazem pelos modos como somos tocados e como tocamos o ambiente, será seguir a perspectiva vinda da alma, ou seja, será seguir a perspectiva da potência para a sua plena realização. Conhecer a vitalidade de *anima* (*alma*) será o movimento de dar forma ao entendimento que se dirige ao modo como compomos os contatos com o ambiente, modulando as dinâmicas de nossa potência de vida, aumentando ou diminuindo as nossas capacidades de existir. (2018, p.204)

Segundo Yontef (1998), o organismo que funciona naturalmente, experiência por meio de sentimentos, órgãos sensoriais e do pensamento. Quando a pessoa interrompe este fluxo, evitando assim o contato, a formação de novas gestaltens ficam obstruídas, [potências não são atualizadas], e as necessidades não são atendidas. Sem esta experiência completa não há auto-regulação orgânica. O processo terapêutico na Gestalt-terapia é ajudar ao paciente a redescobrir o mecanismo que ele usa para controlar sua awareness. “A Gestalt-terapia esta baseada no aprendizado do uso dos sentidos do paciente pra explorar por si mesmo e aprender a encontrar soluções para seus problemas” (YONTEF, 1998, p.219).

No nosso trabalho clínico viveremos a experiência de lapidação, de tecer sentidos com a pessoa que esta diante de nós. Uma colcha de retalhos que se faz a medida que cada parte vai se fazendo presença e contato. Nas palavras de Milton Nascimento, uma lapidação da vida é sempre inédita, sempre singular no ato. “Lapidar. Minha procura toda trama lapidar o que o coração com toda inspiração achou nomear gritando: alma” (*apud* PEIXOTO, 2018, p.206).

Na relação consigo mesmo, com o outro e com o meio a pessoa atualiza o que lhe é próprio e percebe-se como um ser singular e universal. Segundo Ponciano (2016) a Gestalt-terapia se coloca do lado das psicoterapias que promove a ideia do homem como capaz de se auto-gerir e regular-se. Bem como, um ser particular, singular no seu modo de ser e agir, concebendo-se como único no universo e individualizando-se como verdadeiro entre sua subjetividade e sua singularidade. Dentro desta perspectiva, Cardoso (2013) relata que a proposta do gestalt-terapeuta é levar a pessoa tomar conhecimento das suas verdades, possibilitando que ela vá dando forma, ao que lhe é próprio e constitutivo. Processo este que se dá a partir do próprio referencial, enquanto ser em relação, em consonância com suas potencialidades e respeitando os seus limites, facilitando a integração dos aspectos de si mesma e de sua relação com a comunidade. E por fim complementando com as palavras de Ponciano (2016), trabalhar fenomenologicamente numa perspectiva da gestalt-terapia, portanto, implica proporcionar suporte para que as energias próprias do campo atual possam fluir mais eficientemente.

Em síntese buscou-se não fazer uma psicologia filosófica, mas uma psicologia psicológica que ao invés de substantivar as pessoas em classificações, busque resgatar a essência de pessoa-homem para um olhar voltado aos movimentos das formas-superfícies contatuais que se fazem através das singularidades. Em outras palavras, buscou-se com este estudo nos valermos dos fundamentos filosóficos de homem-pessoa para uma prática psicológica mais humana: que permita no processo terapêutico que a pessoa se torne mais ela mesma.

7. CONCLUSÕES

No trabalho foi descrito o processo de formação de pessoa a partir da filosofia de Edith Stein e suas aproximações com a da Gestalt-terapia. Em nenhum momento foi intuito deste tecer um olhar romantizado para psicologia, contudo foi possível a partir das provocações que tanto Stein quanto a Gestalt nos trazem, fazer um resgate da noção de pessoa-homem que contribuisse para tecer um olhar mais humano para uma psicologia psicológica. O que implica

em uma proposta de atuação onde o terapeuta possa dirigir o olhar para os aspectos que são concebidos meramente como adoecimentos, não como adoecimentos, e sim como ajustamentos pessoa em contato com o meio, tendo em vista que não se pode concebê-la como totalidade sem considerar o campo. Aspectos este que aproximam as duas correntes, uma vez que tanto para Stein quanto para a Gestalt a relação com a pessoa-outro-mundo ou a relação organismo-ambiente é condição primordial para tornar-se-si-mesmo.

As palavras *contato*, *relação* e *conexão* ou *vivência compartilhada* foram aqui tomadas como sinônimas, pois trazem a ideia do ser em relação que se reconhece num campo de inter-relação. Entretanto ao usar a palavra *conexão* para se referir à capacidade de o ser humano se conectar ou desconectar, como alusão a essa capacidade de interagir, foi uma escolha que levou em consideração o plano de fundo em que se compõe a temática de investigação deste estudo.

Ele é cenário marcado por contatos virtuais tomados como reais. Um contexto marcado pela perfeição, esvaziado das questões fundamentalmente humana, tirando o lugar do sofrimento na existência. No entanto sofrer é inerente ao existir humano, e o que tem se percebido é que em sua presença, o homem vivencia a inquietude. Esta nos coloca situações que nos dão o que pensar e o que construir em tempos e espaços desconhecidos, inclusive interiormente. O que podemos concluir é que as formas de contato pré-estabelecidas no contexto atual mais tem contribuído para um processo de ajustamentos disfuncionais com o objetivo de se enquadrar ao ambiente do que para crescimento. Resultando assim em modos de ser enrijecidos e desprovidos de vitalidade, entre os quais o suicídio ressaltou o olhar, pois entendemos que ele é um ato declarado que surge como expressão de uma sociedade que contribui para a despersonalização, ao passo que tal sociedade pode fomentar a proliferação dessa patologia. Neste sentido o suicídio é uma expressão da interdição de não poder-ser-si-mesmo, e por outro lado na perspectiva da Gestalt pode ser considerado uma retirada de contato.

Por sua vez, a partir do diálogo que aqui foi proposto entre a filosofia de Edith Stein e a psicologia da Gestalt-terapia poderemos produzir um campo de possibilidades. Não a partir dos conhecimentos pré-estabelecidos, já colocados nos manuais de psicopatologia, mas sim, numa postura mais humana, onde a experiência vivida no aqui-agora do encontro e do contato dará tonalidades de sentidos.

Com esta pesquisa, não se esgota aqui nenhum saber absoluto, mas é feita uma provocação para futuras pesquisas em torno dos fenômenos humanos que se manifestam a partir das determinadas condições relacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

ANGERAMI, Valdemar Augusto. **Suicídio, uma alternativa à vida**: fragmentos de psicoterapia existencial. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BELLO, Ângela Ales. **Edith Stein**: a paixão pela verdade. Curitiba: Juruá, 2014.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**: nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2008.

CARDOSO, Cláudia Lins. A escuta fenomenológica em psicoterapia. **Revista do VII Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica**, Goiania, n.8, p.61-69, 2002.

CARDOSO, Cláudia Lins. A face existencial da Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Orgs.). **Gestalt-terapia: Fundamentos Epistemológicos e Influências Filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013, p. 59-75.

CARDOSO, Cláudia Lins. Aspectos filosóficos, teóricos e metodológicos da Gestalt-terapia. **Revista Psiquê**, ano 9 , n. 14, p. 47-65, maio/1999.

COELHO JÚNIOR, A.; BARREIRA, C. Formação da Personalidade Autêntica e corporeidade à luz de Edith Stein. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 345-353, 2018.

CRUZ, São João da. **Obras Completas San Juan de la Cruz**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SURREAL. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. 7.ed. Curitiba: Editora Positivo, 2008.

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Orgs.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014.

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Orgs.). **Situações clínicas em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2019.

FUKUMITSU, Karina Okajima. Facetas da autodestruição: suicídio, adoecimento e automutilação. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Orgs.). **Quadros clínicos disfuncionais e Gestalt terapia**. São Paulo: Summus, 2017. p. 75-91.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRACIOSO, Joel; PARISE, Maria Cecilia Isatto. Eu puro e empatia segundo Edith Stein. **Argumentos Revista de Filosofia**, Fortaleza, v. 9, n. 18, p. 60-73, jul./dez. 2017.

YONTEF, Gary M. **Processo, Diálogos, Awareness**. 3ª.ed. São Paulo: Summus, 1998.

KUSANO, Mariana Bar. **A antropologia de Edith Stein: entre Deus e a filosofia**. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

MAGNABOSCO, Maria Madalena. **Outras Palavras em Psicopatologia**. Belo Horizonte: Oficina de Artes & Prosa, 2017.

MAGNABOSCO, Maria Madalena. **Temas contemporâneos na prática da psicologia existencial**. Belo Horizonte: Artesã, 2019.

MAHFOUD, Miguel (Org.). **Quem sou eu?: um tema para psicologia**. Belo Horizonte: Artesã: 2017.

MAHFOUD, Miguel; MASSIMI, Marina (Orgs.). **Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa**. Belo Horizonte: Artesã: 2013.

MAHFOUD, Miguel; SAVIAN FILHO, Juvenal (Orgs.). **Diálogos com Edith Stein: filosofia, psicologia, educação**. São Paulo: Paulus, 2017.

PEIXOTO, Paulo-de-Tarso. **Gestalt-terapia e contatologia**: Filosofia, artes e clínica dos processos de formação das superfícies contatuais. Macaé: Editora: Paulo-de-Tarso, 2018

PERES, Savio Passafaro. O desenvolvimento do projeto de uma psicologia fenomenológica em Husserl. **Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, p. 221-229, jul./dez. 2014.

PLATÃO. **A república [ou sobre a justiça, diálogo político]**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

POWELL, John. **Por que tenho medo de lhe dizer quem sou?**: Insights a respeito do autoconhecimento, do crescimento pessoal e da comunicação interpessoal. 29.ed. Belo Horizonte: Crescer, 2012.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-Terapia**: refazendo um caminho. São Paulo: Summus, 2016.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato**: temas básicos na abordagem gestáltica. São Paulo: Summus, 2007.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão - veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SBERGA, Adair Aparecida. **A formação da pessoa Humana em Edith Stein**: um percurso de conhecimento do núcleo interior. São Paulo: Paulus, 2014.

SHAKESPEARE, Willian. **Hamlet**: o príncipe da Dinamarca. São Paulo: Scipione, 2001.

STEIN, Edith. **A ciência da Cruz**. 8.ed. São Paulo: Loyola, 2014.

TENÓRIO, Carlene Maria Dias. As psicopatologias como distúrbios das funções do Self: uma construção teórica na abordagem gestáltica. **Revista da Abordagem Gestáltica**. XVIII(2): p.224-232, Julho-dezembro, 2012